



"Banquets et danses des sauvages", André Thevet, *Les Singularitez*, 1557.

"Notre monde vient d'en trouver un autre si nouveau
et si enfant qu'on lui apprend encore son abc..."

Montaigne

"The child of two continents America can be
explained in its significant traits by neither alone."

Vernon L. Parrington

"Amérique, où le peuple inconnu,
Erre innocemment tout farouche et tout nu
Qu'il ne connaît les noms de vertu ni de vice
De Senat ni de roi, qui vit à son plaisir
Porté de l'appétit de son premier désir..."

Ronsard

Daniel Boorstin, na sua obra *The Americans: The Colonial Experience* (1958), afirma: "The last thirty years have probably produced more useful books about the colonial period than were written in the preceding century and a half." (p. 375). Com efeito, o tema tão controverso da questão dos Índios tem sido objecto de estudo e de investigação principalmente no âmbito da área dos Estudos Americanos, como se comprova com a publicação de múltiplas obras como as de Robert F. Berkhofer, *The White Man's Indian: Images of the Indian from Columbus to the Present* (1978); Richard Slotkin, *Regeneration Through Violence-The Mythology of the American Frontier, 1600-1860* (1973); Calvin Martin, *The American Indian and the Problem of History* (1987); Roy Harvey Pearce, *Savagism and Civilization – A Study of the Indian and the American Mind* (1988) e Werner Sollors, *The Invention of Ethnicity* (1989), entre outras.

Por estes motivos é difícil pretender lançar uma luz absolutamente nova sobre um assunto tão vasto e pleno de interesse.

Tendo em consideração todos estes aspectos, proponho-me sobretudo analisar as relações dos Índios e dos Brancos e o conflito de valores e de ideias que subjazem a essa faceta tão negativa da expansão europeia para o Ocidente que causou e serviu de justificação para determinadas atitudes dos Brancos. A fim de proceder a tal análise, investiguei o modo como essas relações tão complexas foram representadas na literatura e nas gravuras realizadas a propósito dos nativos das Américas, visto que existem centenas de documentos nos quais os exploradores europeus registaram as suas controversas impressões do Novo Mundo e do aspecto físico, hábitos e vestuário dos seus habitantes.

Na minha opinião, a questão fundamental reside no facto de, para os Brancos, o significado da figura do Índio depender das suas diferentes culturas e das designações (de "nobres" ou de "ignóbeis") que eles atribuíam aos "selvagens", tal como afirma Bernard Sheehan em *Savagism and Civility – Indians and Englishmen in Colonial Virginia* (1980).

Partindo do princípio de que um exame das narrativas e dos relatos escritos pelos Portugueses sobre os Índios do Brasil e pelos primeiros colonos ingleses sobre os nativos da América do Norte contribuiria para a compreensão das características distintas e dos padrões culturais de ambos os povos americanos assim como das suas relações com as culturas inglesa e portuguesa, limitei a minha análise a esse tipo de literatura.

O estudo realizado veio confirmar que não existe uma resposta simples para uma questão tão plurifacetada. Tentarei, contudo, focar as diferenças ou as semelhanças entre a imagem do Índio na cultura portuguesa e na americana e determinar as causas e as fontes dessas imagens.

Os assuntos tratados nos relatos podem considerar-se antiquados mas apenas devido ao modo e ao estilo como são

apresentados. Dão-nos uma ideia do aspecto diversificado do tema e das suas ramificações na teologia, na política e na economia e conduzem-nos mesmo até às suas origens remotas nos sistemas de pensamento europeus. Nas narrativas detectam-se também as parcialidades desaparecidas e os preconceitos daqueles tempos distantes e a influência que estes podem ter exercido na determinação das actuais maneiras de ser, caracteristicamente americanas e brasileiras.

O primeiro tópico a referir é o problema das relações entre o pensamento europeu nos séculos XVI e XVII e a expansão colonialista. Para se poder detectar a origem das percepções erradas sobre os Índios e das atitudes dos colonos para com eles, tem de se conhecer o conteúdo do pensamento do 'Homem Branco'. Verifica-se que havia contraste entre as expectativas dos colonos e aquilo que viam; e que existia, portanto, uma grande tensão entre o ideal e a realidade. Essa tensão contribuiu para a formação de uma imagem construída e 'estandardizada' quando se representavam as características da cultura do "Outro".

No entanto, os referidos preconceitos não eram necessariamente intencionais, podendo mesmo ser inconscientes e devidos a uma "forma mentis" europeia. Os colonos faziam uma avaliação errada das informações que obtinham e, deste modo, havia uma alienação e um afastamento resultantes do contacto directo com povos desconhecidos e com culturas que não lhes eram familiares. Por outro lado, as impressões formadas eram mal construídas e vieram a dar origem a um quadro desequilibrado ou uma imagem exomórfica. Vários valores não claramente expressos actuaram, contudo, quando se formava uma opinião e um julgamento do "estranho", do "outro". Em geral, os Índios eram descritos sobretudo pela negação, isto é, pela ausência de um estilo de vida semelhante ao dos Europeus.

Analisando algumas das descrições, podemos facilmente detectar que havia, desde o início, uma expectativa do pior como se tivessem ensinado aos Europeus o que deveriam esperar

encontrar de 'errado' no Novo Mundo. As apreensões dos colonos podem ter sido causadas, entre outros motivos, pela tradição dos viajantes medievais, que, quando regressavam, tinham tendência a: "to pull the long bow in stories of their adventures", como nos relata Samuel Chew em *The Crescent and the Rose, Islam and England during the Renaissance* (1974). Mendax, o famoso viajante mentiroso, que é uma das personagens cómicas na obra de William Bullein, *Dialogue against the Fever Pestilence*, (1564), que foi reeditada em 1888, entre muitos outros factos incríveis, dizia ter visto: "sciopodes having but one foot which was so broad that with it they covered all their bodies...". Nos contos fantasiosos tão populares na Idade Média encontram-se referências frequentes a maravilhas inacreditáveis, tais como raças de homens sem cabeça e com orelhas de cão.

Estes aspectos maravilhosos do mundo eram ampliados quando se repetiam as histórias dos viajantes, tendo os primeiros mapas da América sido também decorados com criaturas míticas. Era, por isso, difícil distinguir o fabuloso do real, contribuindo-se, deste modo, para a credulidade europeia e para as expectativas já existentes em relação a "curiosidades" estranhas e exageradas. Desde tempos imemoriais que tais relatos e rumores de coisas maravilhosas tinham vindo do Oriente para a Europa ocidental e, durante a Renascença, foram aplicados ao recém-descoberto hemisfério ocidental.

Todos os Europeus conheciam os relatos das deambulações de Marco Polo e das viagens fantásticas de *Sir John Mandeville*, porém os Ingleses tinham à sua disposição inúmeros outros textos. Entre eles destacam-se os coligidos por Richard Hakluyt, the Younger (1553-1616), o geógrafo e editor inglês que, desde a publicação da sua primeira obra intitulada *Divers Voiages Touching the Discoveries of America* (1582), foi acumulando materiais e coleccionando relatos de viagem que levaram à publicação da trilogia *Principal Navigations, Voiages and*

Discoveries of the English Nation (1598-1600). Era um editor muito activo e estudioso e foi consultor e conselheiro da rainha Elizabeth I. Posteriormente, os Ingleses leram também as colecções de relatos de Samuel Purchas (1577-1626), que sucedeu a Hakluyt cujos manuscritos usou e publicou *Purchas his Pilgrims or Hakluytus Posthumus* (1613-26), que, segundo ele, continha: "a History of the World in Sea Voyages and Land Travels by Englishmen and Others".

Os viajantes, porém, além de contarem histórias, tinham também muitos conselhos para dar aos que viajavam. Também neste campo, se destaca o nome de Richard Hakluyt, que tão entusiasticamente tinha aconselhado Elizabeth I a participar na descoberta do Novo Mundo – tornando-se assim o maior propagandista a favor da colónia da Virginia – e que, a este propósito, escreveu *The Discourse on Western Planting* (1584). Tratava-se de um relatório secreto sobre o projecto de colonização da Virgínia, de Sir Walter Raleigh, que só veio a ser publicado em 1877. Em Paris, onde era capelão do embaixador de Inglaterra, Sir Edward Stafford, Hakluyt publicou também *Decades of the New World* (1612) de Peter Martyr, que pode ser considerado como a primeira história da América e em 1609 traduziu o relato de Fernando de Soto sobre a Florida com o título de *Virginia Richly Valued*. Pode, pois, facilmente concluir-se que Hakluyt contribuiu para o estado de espírito dos primeiros colonos na América ao incluir na sua vasta colecção traduções dos textos escritos pelos Espanhóis que relatavam as orgias de violência que tinham realizado na América. Estas fontes espanholas prepararam os Ingleses para uma recepção hostil que, na realidade, não tiveram. Mas, devido ao facto de estarem à espera que o conflito surgisse, previram uma violência que acabaram por causar.

Abordar este assunto implica analisar o conceito de Selvagem, que é um dos mitos primordiais da cultura europeia. O mito precedeu a experiência das descobertas pois pode



L'Enfer américain, ou les Brésiliens persécutés par le démon Aygnan, Théodore de Bry, 1592.

considerar-se que data da descrição da Queda pelo pecado original na Bíblia e dos consequentes desejos dos homens de abandonar este mundo de adversidades. Por seu lado, o Novo Mundo exibia todas as características do local mítico ao qual os Europeus ansiavam voltar. A estranha terra nova parecia um repositório de virtudes inocentes, assemelhando-se ao paraíso terrestre que tinha sido procurado durante tanto tempo.

É significativo que, se a visão da terra corresponde à imagem do jardim com todas as suas implicações paradisíacas e elementos pastorais, tornando-se o Mundo Novo assim o céu na terra, a imagem do Índio parece estar dividida desde o início. Era uma imagem constituída por dependência e por antipatia e tinha aspectos positivos e negativos. Esta percepção do Índio resulta de impressões contraditórias devidas a preconceitos culturais e a exageros apaixonados, como já disse. Há, contudo, concordância acerca de alguns dos elementos positivos dessa imagem: os Índios eram fisicamente atraentes e as suas figuras impressionantes eram extraordinariamente sedutoras. Esta imagem algo fantasiosa, que, de certo modo, glorifica e idealiza o Índio, embora se tenha alterado com o tempo, cativou a imaginação do Homem branco de uma forma invulgar.

De onde provinha esta atracção? Principalmente da visão positiva que considerava os Índios como guardiães da virtude primitiva, como "bons selvagens" que eram amigos e aliados dos Brancos. Estes, por seu lado, pensavam que eles correspondiam à ideia romântica do Homem Natural, que se apresentava sempre orgulhoso e afável, mostrando com inocência e candura a sua capacidade para ser hospitaleiro e estóico. Mas, para além desta representação simpática, surge também uma visão contraditória que vê o Índio como moralmente inferior, como um inimigo violento e vingativo, cuja vida e carácter são antagónicos aos do homem branco. Ele é, então, tudo aquilo que os Europeus não eram nem deveriam ser. De acordo com a convenção dualista que rege esta percepção do Índio como um

selvagem ignóbil, ele é visto como um assassino demoníaco, frio e implacável. Aparece como uma subespécie humana, que é a personificação do Mal, uma força de Morte e de destruição.

Esta imagem do pagão raivoso e do servo do Demónio é muito comum nos textos dos Puritanos, como *Of Plymouth Plantation* de William Bradford (1590-1657), (publicado apenas em 1856); *The Journal* (1790) de John Winthrop (1588-1649) e *The Wonder-Working Providence of Sion's Saviour in New England* (1653) de Edward Johnson. Está também presente nas narrativas dos prisioneiros ingleses (*captivity narratives*) como a de Mary Rowlandson (1635-1678), intitulada *A Narrative of Captivity and Restoration of Mrs Rowlandson* (1682), ou as do *Captain John Gyles*, John Williams, Deerfield e *Mrs Elizabeth Hanson*, que foram publicadas por Howard Peckham na sua obra *Captured by Indians: True Tales of Pioneer Survivors* (1954).

Os Índios, visto que não seguiam as regras europeias, surgiam como uma ameaça de desordem. As torturas índias e as práticas canibalísticas contra os inimigos contribuíram para aumentar e generalizar os sentimentos de ódio e o conjunto de medos e de dúvidas. Embora o debate entre estas duas visões, entre a imagem convencional e o conceito mais realista do Índio, não possa ser explicado por um único factor, entre a multiplicidade de forças que ajudaram a criá-lo tem de se mencionar a dicotomia pela posse da terra, que, na América do Norte, foi agravada pela resistência dos Índios à conversão. Por conseguinte, dependendo de qual das duas visões os autores dos relatos seguiam, o facto de os Índios não terem "nem Lei, nem Fé, nem Governo" ou era considerado como negativo ou, devido ao espírito singular de liberdade e à atmosfera não europeia de democracia em que viviam, os Índios eram referidos com admiração. Do mesmo modo, o facto de estarem sempre nus e de decorarem e pintarem os corpos era considerado quer como uma prova da sua inocência quer como uma prática odiosa. A arte 'cosmética' dos Índios era então vista como um vício

inspirado pelo Demónio e demonstrava falta de respeito pelo corpo humano que desfiguravam e deformavam. Dizia-se também que revelava a sua lascívia.

Por outro lado, tendo em conta a forma como se desenvolveram as zonas norte e sul do continente americano, põe-se o problema de saber se esta evolução não poderá dever-se ao facto de cada uma das partes do hemisfério ocidental ter sido colonizada sob a influência de civilizações diferentes: a anglo-saxónica e a portuguesa (no Brasil). Do mesmo modo, partindo do princípio de que cada uma destas culturas teria uma imagem diferente dos Índios, podemos questionar se esta imagem não teria influenciado o tipo de atitude que cada uma delas adoptou para com os povos nativos. Mais uma vez, a explicação para a existência de padrões culturais diversos não se encontra num único factor e, mesmo que na realidade houvesse diferença nas atitudes dos colonos no Norte e no Sul, há também muitas semelhanças nas imagens que contribuíram para essas atitudes. Quando se analisam os relatos, encontra-se o mesmo tipo de preconceito cultural que perpetua um retrato homogéneo e estereotipado de uma cultura estranha mesmo após o contacto realizado através de experiências pessoais. As diferenças são pois, como vimos, elas próprias motivadas por razões diversas.

A província inglesa tinha melhor clima, meios de comunicação mais fáceis e, conseqüentemente, um intercâmbio social e económico mais favorável. Enquanto que, no Brasil, a unidade e a coesão aparentes eram impostas por uma autoridade distante que vivia em Portugal, na América do Norte, embora houvesse individualismo, desde o início que se detecta uma participação generalizada na vida económica e na defesa mútua das colónias.

Além do facto de que não houve sincronização na época da colonização, as condições em Inglaterra e em Portugal eram também bastante diferentes. A Inglaterra estava então a sofrer a crise de ter rompido com o Catolicismo e, por conseguinte, com o desmoronar de todas as suas tradições. E foi após o

descobrimto da América, com todas as informações empíricas sobre o mundo desconhecido que dele resultaram, que surgiu um novo conceito do Homem e do mundo como elementos interactivos na história da evolução da realidade. Os Ingleses estavam dependentes de uma definição convencional da realidade e ficaram perturbados com a intromissão no seu mundo bem ordenado de um novo continente de povos desconhecidos.

Ao prosseguir a minha tarefa de examinar os diferentes materiais, cheguei à conclusão de que, apesar de haver muitas atitudes semelhantes no seu plano de acção para com os Índios, os Portugueses eram mais abertos a aceitar generosamente a condição alegadamente ‘inferior’ dos habitantes dos novos países que descobriam. Tal como os Ingleses, procuravam elevá-los a um nível que lhes permitisse serem parte da comunidade cristã mas faziam-no de modo mais afável. Esta atitude pode ter sido mais fácil para os Portugueses por não estarem envolvidos numa teologia que concebia a natureza humana como inerentemente má. Por outro lado, conhecendo os Espanhóis, não estavam tão prontos quanto os Ingleses a acreditar nos relatos sobre a necessidade de violência para lidar com os selvagens e sabiam que, simultaneamente com as realizações magníficas conseguidas na América Central e do Sul, eles tinham praticado actos de crueldade e massacres, tais como os de Cortez e dos Conquistadores. Os Portugueses procuravam evitar a força bruta das armas e, quando a tal eram obrigados, usavam-na sobretudo em defesa própria. A benevolência, a prudência e a bondade dos homens de Cabrilho para com os Índios ainda permanece viva na tradição popular na Califórnia. Em geral, os Portugueses pareciam ser atraídos, e não repelidos como os colonos ingleses, pela impressão de infantilidade e de imaturidade dos Índios. A civilização dos colonos portugueses parece ter sido mais vulnerável à atracção dos selvagens. Desde o início, Cabral tem uma noção clara das regras de hospitalidade dos Tupiniquins e manifesta-se fortemente contra a sua violação.

Os Portugueses beneficiavam das suas experiências prévias de adaptação à vida em países desconhecidos e também do facto de os Tupi-Guarani serem os Índios mais civilizados do Brasil. E, decerto, devido ao modo como foram tratados, eles tornaram-se bons amigos dos colonos portugueses, ensinando-lhes a melhor maneira de viver na selva e dando-lhes a conhecer também os seus produtos, métodos e processos, que os Portugueses viriam mais tarde a desenvolver no novo ambiente como se pode ler em várias obras como: *História da Colonização do Brasil* (1921) de Carlos Malheiro Dias; *História da Expansão Portuguesa no Mundo* (1939) de António Baião; *A Colonização Portuguesa do Brasil (1500-1550) Súmula e Comentários de Alguns Documentos e Provas* (1941) de Luís Norton; *Documentos sobre a Expansão Portuguesa* de Vitorino Magalhães Godinho (1943) e *A Expedição de Pedro Álvares Cabral e o Descobrimento do Brasil* (1967) de Jaime Cortesão.

Verifica-se, assim, que houve uma aculturação gradual. Deste contacto entre as duas culturas resultou o fenómeno algumas vezes designado como "indianização". Os Portugueses não puderam, ou não quiseram, resistir à atracção fascinante do mundo bárbaro. Este era um paraíso, onde até Eva se oferecia, ou era oferecida, como sinal de hospitalidade e de boas vindas, como pode ler-se nas *Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões*, do Pe. José Anchieta (1554-1594) da Sociedade de Jesus:

... aqui, onde as mulheres andam nuas e não se negam a ninguém mas são elas próprias que cercam e importunam os homens, lançando-se na rede com eles porque consideram uma honra ter dormido com os Cristãos. (p. 6)

O resultado desta atitude desenfreada de desinibição sexual foram os casamentos inter-raciais generalizados, que podem ser considerados como um símbolo da atitude portuguesa.

Não nos podemos contudo, obviamente, esquecer que, quer no Norte quer no Sul, havia uma situação latente de conflito

entre duas concepções de vida, entre duas culturas que se encaravam pela primeira vez e, quer os Tupis quer os Portugueses, ou os Índios Americanos e os Ingleses, tinham causas recíprocas de atracção e de repulsa.

A perspectiva segundo a qual tentei caracterizar as reacções dos primeiros colonos no Brasil pode igualmente ser escolhida para abordar as descrições dos encontros dos Ingleses com os Índios na Virgínia. Na exploração colonial inglesa, encontramos as mesmas contracorrentes obscuras e românticas que também se transformaram numa experiência política e moral, como é evidente na obra de William Byrd (1674-1744), *History of the Dividing Line*, escrita a propósito do estabelecimento da linha divisória entre Virgínia e Carolina do Norte.

De uma forma geral, a maior parte do que tem sido dito acerca das atitudes dos Brancos no Brasil aplica-se também ao que aconteceu no que viria a ser os futuros Estados Unidos. Contudo, há também diferenças e o resultado final é inteiramente diverso. Qual o motivo desta diferença se há um conceito comum de Índio e não há contraste marcado entre a tolerância e os preconceitos? Pode dever-se, principalmente, ao facto de, no Norte, o conteúdo do intelecto do homem branco ter criado condições para aquilo que Roy Harvey Pearce designou como a "metafísica do ódio pelo Índio" nas suas obras *Historicism once More: Problems and Occasions for the American Scholar* (1969) e *The Savages of America* (1953). Além das já mencionadas causas do conflito, que também interferiram nas relações entre Brancos e Índios no Brasil, para explicar a diferença acima mencionada têm de se procurar as ideias subjacentes que deram origem a atitudes mais violentas no Norte, criando assim um padrão cultural diferente. A falha e a percepção errada dos primeiros colonos ingleses, durante o período da descoberta pioneira da parte norte do hemisfério, podem ter sido causadas principalmente pela sua concepção religiosa da natureza humana como viciada e depravada.

O facto de os Índios resistirem à conversão e à civilização europeia e de pensarem mesmo que a sua própria cultura podia ser pervertida por elas, ainda agravou mais o problema. Os Índios, segundo alguns relatos, tinham um padrão de vida com valores e satisfações característicos e pareciam não necessitar dos alegados benefícios da civilização ou, o que era ainda pior, pensavam que, por causa deles, poderiam perder as suas próprias virtudes, "a sua felicidade e a sua inocência".

Por outro lado, os Ingleses foram atraídos pelas terras de além Atlântico pelo que foi designado como a "Retórica do Paraíso". Os propagandistas e os agentes da Virginia Company prometiam riquezas materiais e um mundo psicologicamente regenerador. Deste modo, aumentaram as expectativas normais dos colonos e, com essa intenção, tornaram os nativos também mais atraentes do que eles eram na realidade. Esta pode ser uma das razões para o mito da Califórnia que, praticamente, ainda perdura hoje em dia como se verifica nas obras de David Lavender, *California: Land of New Beginnings* (1972); Kevin Starr, *Americans and the Californian Dream* (1973) e Neil L. York, com o seu artigo "California Girls and the American Dream" publicado em *Journal of American Culture – Studies of a Civilization* (Vol. 74, Winter 1984, pp. 33-43).

É ainda de referir que se estabeleceu uma relação entre o sol e a existência de ouro. Este facto levou à ideia de que o ouro se encontraria nas regiões mais quentes. Havia também a antiga identificação do conhecimento do ouro com o conhecimento de Deus. A região da Califórnia tornou-se famosa não só pela sua riqueza mas também porque correspondia aos desejos subconscientes e aos sonhos sobre as ninfas californianas. O mito foi enriquecido com memórias eruditas sobre o significado da idade do ouro perdida, sobre a tradição bucólica e os seus sonhos de felicidade e até através de ecos de textos de Plutarco. A América era assim apresentada como o país do futuro, vindo

"Le Brésil démoniaque, avec bradypes et poissons volants", Jean de Léry, *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*, 1580.



a exploração colonial a transformar-se também numa experiência moral.

Por toda a Europa, ao longo do tempo, sempre se fizeram referências a este Novo Mundo ideal. Goethe, em *Faust*, escreve acerca de uma terra mítica, de uma humanidade incansável mas que vive feliz em espaços mais livres. Os primeiros textos da chamada literatura de propaganda tinham por objectivo encorajar o investimento e a colonização, reflectindo, por isso, parcialidade, incluindo mentiras e contradições e, por fim, chegando a criar fortes reacções antagónicas nos colonos quando eram confrontados com uma realidade que não correspondia aquilo que tinham lido nas chamadas *True Relations*. Wayne Franklin e Ray A. Billington falam desta questão da dualidade imagem/anti-imagem nas suas obras *Discoverers, Explorers and Settlers* (1979) e *Land of Savagery, Land of Promise* (1981).

É difícil transmitir toda a impressão causada por esta literatura promocional, que, na minha opinião, pode, em parte, ser responsável por alguns dos impulsos anti-primitivos dos primeiros colonos e que, por isso mesmo, pode ser considerada como um dos elementos de diferença em relação ao que sucedeu no Brasil, embora alguns dos relatos portugueses se refiram também a sonhos de riqueza fácil e rápida. Entre eles, destaco o *Tratado da Terra do Brasil* de Pero de Magalhães Gândavo, escrito em 1570 e que apenas foi publicado em 1826 pela Academia Real das Ciências de Lisboa. Na sua outra obra *História da Província de Santa Cruz (A que Vulgarmente Chamamos Brasil)*, que também foi publicada em 1576 em Lisboa, Gândavo, a este propósito, conta a lenda da lindíssima e resplandecente montanha "Sabarábuçu". Por seu lado, Gabriel Soares de Sousa dedica os capítulos finais do seu *Tratado Descritivo do Brasil* (1587) à descrição das riquezas encontradas no "Sertão" embora afirme que eles não foram escritos com a intenção comercial de promover a terra ou a colonização.

Entre os muitos relatos ingleses cheios de descrições irrealistas, são de mencionar o de Arthur Barlow e a famosa obra de John Smith e a de Thomas Hariot *True Relation of the Newfound Land of Virginia* (1608). Mas, em minha opinião, em relação a um assunto tão vasto e complexo, a grande diferença no modo de lidar com os Índios e na formação da imagem daí resultante é sobretudo devida ao pensamento religioso mais radical que via os Índios como "pagãos enraivecidos" que deviam ser exterminados e desapossados do Novo Mundo, tal como William Bradford (1590-1657), em 1630, escreveu em *Of Plymouth Plantation* onde afirmava que eles eram o Demónio que estava em combate permanente com as legiões celestes. Embora a obra completa de Bradford apenas fosse publicada em 1836, o texto, juntamente com *Journal* (1630) de John Winthrop, publicado em 1790, constituíram durante muito tempo as principais fontes históricas para este período e, por isso, os primeiros historiadores da América utilizaram-nos amplamente. Edward Johnson (1598-1672), autor de *The Wonder-Working Providence of Sion's Saviour in New England* (1653), partilhava das mesmas ideias pois afirmava que pretendia "to plant there a new community of saints" para salvar o Novo Mundo dos acólitos de Satanás.

Por seu lado, o nosso P.^e António Vieira S. J. (1608-1697) tinha uma posição antagónica à dos Ingleses ao afirmar que as intenções de Deus sobre os Índios estavam claramente expressas na Bíblia e localizava mesmo a terra "trans flumina Aethiopiae" na América. Porém, como é do conhecimento geral, foi devido ao seu milenarismo visionário que veio a ser preso pela Inquisição, em 1665.

Quando se lêem as obras mais antigas da literatura americana é óbvio que, com efeito, uma das razões para o conceito básico de que os Índios eram selvagens brutais e traidores era o facto de que, embora de acordo com a teoria do desenvolvimento, eles tivessem aceitado a religião cristã, os

Índios continuavam a seguir os seus "shamans", tornando-se assim numa ameaça para as concepções filosóficas e religiosas europeias.

Por outro lado, admira que houvesse igualmente problemas no Brasil, onde a maior parte dos padres e religiosos portugueses defendiam os Índios, sendo eles próprios também objecto de crítica. O P.^e António Vieira, na sua obra, tenta provar que as intenções de Deus sobre os Índios estavam já expressas na *Bíblia* (p. e. em *Isaías XVIII*) e tanto ele, como outros Jesuítas, como os P.^{es} Manuel da Nóbrega e José Anchieta, pregavam contra o mau tratamento dado pelos colonos portugueses aos Índios.

Para além das circunstâncias contemporâneas específicas que devem, obviamente, ser tomadas em consideração, há também que ter em linha de conta o facto de terem havido outros valores, não expressos, que actuaram e que contribuiriam para explicar o efeito que as condições naturais existentes no continente americano tiveram na formação de preconceitos negativos ou positivos para com os Índios. Moses Coit Tyler, o primeiro historiador de literatura colonial americana, ao escrever sobre as visões contraditórias do "Índio", afirmou:

To us, of course, the American Indian is no longer a mystery or even an interesting personage – he is simply a fierce, dull biped standing in our way.

Concluo este ensaio esperando ter, de algum modo, contribuído para esclarecer um pouco o problema e ter demonstrado através das minhas palavras que discordo de Coit Tyler visto que, na minha opinião, hoje em dia, ainda há muito para explicar sobre o impacto da América no espírito moderno, sobre a conquista e o povoamento das Américas e sobre o encontro entre os sistemas culturais europeu e americano e a teia da sua influência mútua.